



Mais além do Édipo: a jovem homossexual, o gozo feminino e o "engano de Freud"¹

Erika Vidal de Faria

Psicanalista e Psicóloga clínica.

Mestranda em Estudos Psicanalíticos pela Universidade Federal de Minas Gerais / UFMG (2019-2021) (Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil)
E-mail: eriikavf@hotmail.com.

Márcia Maria Rosa Vieira Luchina

Psicanalista e Psicóloga clínica.

Membro da Escola Brasileira de Psicanálise e da Associação Mundial de Psicanálise.
Pós-doutorado em Psicanálise pela Université Paris 8 (Paris, França).
Doutorado em Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais / UFMG (Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil)
Professora na Pós-Graduação e Graduação em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais / UFMG (Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil)
E-mail: marcia.luchina@gmail.com

Resumo: Esse artigo pretende discutir a partir de um comentário feito por Jacques Lacan em seu Seminário 17: o avesso da psicanálise, sobre o "engano de Freud" no que concerne à condução de suas pacientes histéricas, substituindo o saber que elas lhe proporcionavam pelo mito do Édipo. Lacan sugere que Freud tinha apenas de comer, literalmente, aquilo que lhe ofereciam na palma da mão. Partimos deste ponto para investigar o que foi oferecido a Freud por uma de suas pacientes mais paradigmáticas, a saber, a jovem homossexual. Nos servimos de sua biografia para repensar o caso com a perspectiva de avançar para além de uma edipianização do inconsciente, levando em consideração as nuances do gozo feminino, a relação transferencial com o analista e o último ensino de Lacan.

Palavras-chave: psicanálise; jovem homossexual; gozo feminino; transferência; Édipo.

Au-delà d'Œdipe: le jeune homosexuel, jouissance féminine et "duperie de Freud": Cet article se propose de discuter d'un commentaire de Jacques Lacan dans son séminaire 17: l'inverse de la psychanalyse, à propos de "l'erreur de Freud" en ce qui concerne la conduite de ses patients hystériques, en remplacement des connaissances qu'ils lui ont fournies mythe d'Œdipe. Lacan suggère que Freud n'avait à manger que ce qu'ils lui offraient au creux de sa main. Nous partons de ce point pour examiner ce qui a été offert à Freud par l'un de ses patients les plus paradigmatiques, à savoir le jeune homosexuel. Nous utilisons sa biographie pour repenser le cas avec la perspective d'aller au-delà d'une édipianisation de l'inconscient, en tenant compte des nuances de jouissance féminine, de la relation transférentielle avec l'analyste et du dernier enseignement de Lacan.

Mots-clés: psychanalyse; jeune homosexuel; jouissance féminin; transfert; Œdipe.

Beyond Oedipus: the young homosexual, female jouissance and "Freud's mistake": This article intends to discuss from a comment made by Jacques Lacan in his Seminar 17: the reverse of psychoanalysis, about "Freud's mistake" regarding the conduction of his hysterical patients, replacing the knowledge they provided him by the myth of Oedipus. Lacan suggests that Freud had only to eat, literally, what they offered him in the palm of his hand. We start from this point to investigate what was offered to Freud by one of his most paradigmatic patients, namely the young homosexual. We use her biography to rethink the case with the prospect of advancing beyond an edipianization of the unconscious, taking into account the nuances of female enjoyment, the transferential relationship with the analyst, and Lacan's last teaching.

Keywords: psychoanalysis; young homosexual; female enjoyment; transfer; Oedipus.

Mais além do Édipo: a jovem homossexual, o gozo feminino e o "engano de Freud"

Erika Vidal de Faria & Márcia Maria Rosa Vieira Luchina

Introdução

Em 1969-70, Lacan, no Seminário 17: *O avesso da psicanálise*, faz um comentário interessante a propósito do complexo de Édipo e da condução de Freud na análise de suas pacientes histéricas. Lacan interroga:

E por que foi que Freud se enganou a esse ponto, já que, se acreditarmos em minha análise de hoje, ele só tinha que comer, literalmente, o que lhe ofereciam na palma da mão? Por que substitui o saber que recolheu de todas essas bocas luminosas, Ana, Emmie, Dora, por esse mito, o complexo de Édipo?. (p. 92)

Este engano no qual Lacan se refere, diz respeito ao papel do saber desempenhado pelo mito do Édipo com pretensão de verdade. Em que ponto Freud, ao tentar fazer com que o complexo de Édipo fosse universalizado em seus casos atendidos, deixou de escutar algo? Tomamos o questionamento de Lacan como um norteador para pensar no caso atendido por Freud e transformado no texto *Sobre a psicogênese de um caso de homossexualidade feminina* (1920) para investigar o que a jovem homossexual ofereceu à palma da mão do analista e que este, no entanto, teve como resposta um "largar de mão" (Lacan, 1962/1963, p. 129) exemplificando a dificuldade de Freud em relação a este caso.

Para realizarmos a discussão sobre a jovem homossexual e os comentários de Lacan, é necessário fazer um resgate do texto de Freud sobre este caso. Além disso, utilizaremos trechos e passagens importantes retirados da biografia da jovem homossexual, traduzida e intitulada no Brasil como *Desejos Secretos: história de Sidonie C.², a paciente homossexual de Freud* (2008), pois, essa leitura nos possibilitará articular alguns pontos transferenciais da jovem com Freud e também de alguns aspectos clínicos.

Antes de iniciarmos, faz-se importante pontuar a dificuldade quanto ao diagnóstico estrutural acerca da jovem. Há autores que sustentam que se trata de uma histeria; outros, uma psicose e alguns até mesmo fazem a hipótese de uma perversão. Por uma questão metodológica, não iremos nos ater à discussão sobre o diagnóstico propriamente dito; outrossim, iremos bascular nossa leitura pela ótica do gozo que se faz presente na história da jovem e por aquilo que Freud recebeu na palma da mão e não soube pegar. Veremos como isto se desdobra no caso em questão.

A jovem homossexual

Uma bela jovem de 18 anos e de origem burguesa é levada a Freud com grande preocupação por seus pais, pelo fato de insistir em uma relação com certa "dama da sociedade", dez anos mais velha que ela e com má reputação por manter relações com homens e mulheres. Se tratava de uma

coccotte, uma espécie de acompanhante de luxo. A jovem, cujo nome verdadeiro é Margarethe Csonka, não desmentia os relatos maldosos sobre a dama, tampouco sentia-se menos atraída por ela devido a tais comentários.

Em sua biografia consta que as duas se conheceram no verão de 1916. A jovem havia completado o liceu e foi “despachada” com a governante e seu irmão mais novo a Semmering. Nesta cidade, ao passear pelas ruas com uma amiga, acabou por cruzar e conhecer a dama, que sempre andava de braços dados com uma outra mulher e, às vezes, com um senhor mais velho. A beleza exuberante e a elegância da dama fizeram com que a jovem se sentisse “inflamada. Não de um fogo sexual, mas, em sua lembrança, de um fogo de reverência e adoração” (Rieder & Voight, 2008, p. 15). Segundo a jovem, a dama não se assemelhava a nenhuma garota de 17 anos que conhecia.

Deslumbrada, passou a arranjar encontros como que por acaso de modo a esbarrar na bela mulher diversas vezes. A jovem sabia de todos os hábitos da dama, aguardava-a por horas diante de sua porta ou na parada do bonde, mandava-lhe flores e presentes e não se interessava mais por outras ocupações e funções sociais que condiziam com outras moças da sua idade. Ignorava as reprimendas dos pais e não se preocupava mais com seus estudos. Freud comenta em seu texto que o comportamento da jovem diante do objeto de amor remete a uma identificação masculina, isto é, ela se mostrava humilde perante a dama e a supervalorizava, renunciando a qualquer satisfação narcísica optando por ser a amante e não a amada. O pai de Margarethe, detentor de alto poder aquisitivo e barão importante na economia europeia, agastava-se com o comportamento da filha, temendo que sua reputação se igualasse à da dama.

Antes de iniciar os atendimentos com Freud, houve uma passagem ao ato: ao ser capturada pelo olhar furioso do pai vendo-a passar de braços dados com a bela baronesa, conta a mesma que o senhor que as olhava de modo irritado era seu pai, o qual era absolutamente contrário à relação das duas. Neste momento, ela é também rechaçada pela dama que lhe pede que a deixe imediatamente e nunca mais a aborde. Assim, a jovem sai correndo e se lança de uma ponte que dava para a linha ferroviária.

Diferentemente do relato de Freud supracitado, em sua biografia, não fica explícito se houve de fato um olhar furioso do pai lançado sobre ela, o que é determinante para que ela se jogue da ponte é a simples possibilidade de o pai tê-la visto em companhia da dama.

De acordo com Freud (1920), após a séria tentativa de suicídio, a jovem passou a conseguir de maneira mais fácil o que queria. Seus pais não a importunavam mais com tanta severidade e a dama voltou-lhe a atenção e passou a tratá-la de maneira mais gentil. Isto se confirma em sua biografia, especialmente em relação a dama que reage com compaixão e culpa e passa a desejar de qualquer modo um reencontro entre ambas.

A jovem homossexual alegre-se frente diante da possibilidade de “devorar com os olhos” a bela madame (Rieder & Voight, 2008). Nestes encontros, a jovem sentava-se aos pés da dama enquanto esta se deitava no sofá. É interessante marcar aqui a importância do olhar no enlace

libidinal da jovem, “devorar Leoni [*a dama*] com os olhos e escutar sua linda voz! Isso é o mundo para Sidonie” (2008, p. 38, grifo nosso), de maneira semelhante ela também faz isto com a mãe: “Às vezes observa-a após o almoço, deitada sobre o canapé na sala de estar e, apesar de seu sofrimento, não consegue não achá-la maravilhosa” (2008, p. 62).

O tratamento com Freud se inicia seis meses após este episódio e a demanda da análise parte dos pais, que esperavam que o médico realizasse a árdua tarefa de reconduzir sua filha para a heteronormatividade. Nem mesmo a pouca estima pela psicanálise impediu que o pai da jovem buscasse sua ajuda. Afinal, a homossexualidade da filha lhe causava profunda amargura e estava disposto a combatê-la fazendo o que fosse necessário.

O pai, segundo Freud (1920), era um homem sério e muito bem-conceituado - “ali onde o de Dora é impotente, o pai da jovem está em sua plena potência viril” (Rosa, 2019, p. 107). Quando descobriu a homossexualidade da filha, ameaçou-a tentando suprimi-la ficando enfurecido. Encarava a filha conflituosamente vendo-a enquanto viciosa, degenerada ou mentalmente perturbada.

Já a figura materna, neste caso, se apresentava enquanto uma bela e jovem mulher, sedutora e pouco disposta a abandonar a atenção que lhe era voltada, “zelosa de sua posição de mulher desejada, ela faz de tudo para não dividir com a filha as atenções masculinas” (Rosa, 2019, p. 107). Sua atitude diante da filha não era, de acordo com Freud, tão fácil de compreender. Tratava os filhos de maneira diferente, sendo absolutamente dura com a filha e excessivamente caprichosa para com os filhos. Freud relata que não era muito fácil obter detalhes da mãe da jovem pois a mesma se mostrava estritamente reservada nos assuntos que concerniam à mãe, pois de modo geral, ela possuía poucos motivos para sentir afeição pela mãe.

Sobre a relação de ambas, Freud (1920, p. 161) diz:

A mãe, moça ainda, via na filha, que se desenvolvia rapidamente, uma competidora inconveniente; favorecia os filhos em detrimento dela, limitava-lhe a independência tanto quanto possível e mantinha vigilância especialmente estrita contra qualquer relação mais chegada entre a jovem e o pai.

Este parece ser um ponto importante na análise da jovem, a saber, a relação com sua mãe. Entretanto, Freud dedica exaustivamente à figura paterna a importância para a compreensão do caso. Retomando sua biografia, consta que durante uma sessão com o Dr. Freud, a jovem chora e diz: “Acho minha mãe tão bonita, faço tudo para ela. Ela, porém, ama apenas meus irmãos” (Rieder & Voight, 2008, p. 59). A jovem relata ao analista uma cena em que estava acompanhando a mãe a um balneário. Ali a mãe era cortejada e os cavalheiros rondavam-na como traças. O que chamava a atenção da jovem e fazia com que ela se questionasse, era a recepção da mãe aos gracejos, como se ela fosse livre e solteira. Chama a nossa atenção a escolha de Freud de não adicionar este relato ao

caso. A jovem conta, ainda, sobre um senhor que cumprimentara a mãe pela beleza e simpatia da filha, e a mãe, em resposta, diz que aquela não era sua filha.

Aquilo doeu tanto que Sindonie correu para o quarto em prantos e, nos dias seguintes, perambulou pela floresta sozinha, só para não ter que olhar aquela mulher horrível. A mãe tem verdadeira aversão a tudo que seja feminino, toda mulher é sua concorrente e adversária, até mesmo sua própria filha. (Rieder & Voight, 2008, p. 63)

A análise da jovem seria iniciada, segundo Freud, não por seu próprio desejo de mudança ou por algum tipo de conflito neurótico. A jovem não estava de modo algum doente, não sendo, portanto, indiferente o fato de ter sido levada à análise contra a sua vontade, respondendo a um desejo do outro parental. Freud havia sido solicitado não para resolver um conflito psíquico, mas para devolver a filha à organização sexual socialmente aceitável. Freud nos conta que se absteve por completo de promessas aos pais quanto à realização deste desejo, dizendo-lhes apenas que iria realizar as entrevistas preliminares durante algumas semanas ou meses e, então, verificaria a possibilidade de uma análise.

Freud reparte o processo de análise em duas fases: (1) O analista consegue informações necessárias do paciente, familiariza-o com o discurso analítico e lhe revela a gênese de seu distúrbio. (2) O próprio paciente se apossa do material inconsciente, recordando-se, repetindo e elaborando e, só aqui, mudanças efetivas seriam experimentadas. Segundo Freud, a jovem não chegou a segunda fase do tratamento.

A jovem não tentou enganar Freud dizendo que iria mudar o curso de sua sexualidade, foi honesta ao anunciar ser incapaz de se imaginar de uma outra maneira no que tange aos relacionamentos amorosos. Contudo, disse topor com o tratamento para poupar seus pais de tanto desgosto que lhes causara.

Ao realizar uma leitura do caso a partir da história libidinal da jovem, Freud observa que na infância a passagem pelo complexo de Édipo feminino se sucedeu de maneira normal. Não havia qualquer lembrança de traumas sexuais na tenra infância e, durante a análise, tampouco qualquer trauma foi descoberto. Freud relata que, no período de latência, a jovem fez uma comparação entre o seu órgão genital e o dos irmãos, o que lhe deixou grandes impressões com efeitos ulteriores. A jovem substituiu o pai pelo irmão mais velho posteriormente e o nascimento de um segundo irmão não exerceu grande influência em seu estado. Aprendeu sobre sexo na puberdade e recebeu este conhecimento com sentimentos ambivalentes, de lascívia e asco. Este traço em questão permanecerá por toda sua vida.

Quando contava com treze anos, apresentara uma afeição exagerada por um garoto de três anos de idade com quem brincava com frequência em um *playground*. Freud interpreta este acontecimento dizendo que a jovem, nesta época, se achava possuída de um forte desejo de ser mãe

e ter um filho. Depois, perde o interesse pelo menino e passa a se interessar por mulheres mais velhas. Este ponto de virada acontece quando o pai da jovem engravida sua mãe. Segundo Rosa:

ele engravida sua mulher no momento em que a jovem adolescente não tinha ainda atravessado a expectativa infantil e inconsciente de receber, ela própria, um substituto do falo em falta, na forma de um filho vindo do pai. Este é um dos elementos centrais do caso: ali onde a equação filho = falo não está suficientemente simbolizada, a entrada em cena da criança real dada à mãe leva ao desencadeamento da mudança da posição sexual da jovem, que passa a se interessar por mulheres maduras, tal como a dama. (2019, p. 107)

Freud sustenta que foi a mãe, sua rival inconsciente quem teve o filho. Furiosa, ressentida e amargurada, a jovem teria se afastado completamente dos homens e do pai, transformando-se em homem e tomando a mãe como parceira, substituindo-a pela dama. Vemos aqui o percurso do complexo de Édipo masculino em uma mulher. Mais ainda, a jovem, tornando-se homossexual, deixaria todos os homens para a mãe, se retirando em benefício dela e, ao mesmo tempo, ao se relacionar com alguém do mesmo sexo, enfureceria o pai, realizando sua vingança. Freud ainda interpreta sua passagem ao ato, dizendo que a tentativa de suicídio foi determinada por dois motivos: a realização de uma autopunição e a realização de um desejo. Este último, seria a realização de ter um filho do pai, pois agora ela 'caíra' por culpa do pai. Aqui há um jogo de palavras em que Freud se serve do verbo em alemão *niederkommen*, que significa tanto 'cair' quanto 'dar à luz'.

Esta intervenção realizada por Freud é contada à dama pela jovem. A dama faz chacota da intervenção, porém a jovem se incomoda profundamente, lembrando-se dela a todo instante, sendo então tomada por uma forte raiva do Dr. Freud: "Ele é tão asqueroso. Um tipo repugnante. Tem as fantasias mais imundas que um ser humano pode ter. Ah esse tal de subconsciente! [...] Não posso compreender como se tornou tão famoso [...] Não quero mais ouvir falar dele" (Rieder & Voight, 2008, p.66).

Durante o percurso de sua análise, Freud acreditava perceber que havia uma transferência da jovem para com ele no mesmo sentido do repúdio que sentira pelos homens e pelo pai. E o único fragmento de uma transferência positiva seria uma reminiscência do amor da jovem pelo pai, atualizado na figura do analista. Após fazer estas identificações, Freud rompe o tratamento, passando ele mesmo ao ato e indicando aos pais da jovem recomendações para que ela continuasse sua análise com uma analista mulher.

Há ainda, um dado importante no relato de Freud. Ele nos conta que em um dado momento da análise, a jovem passara a relatar uma série de sonhos que previam a cura de sua homossexualidade, uma vida cheia de alegrias e perspectivas que apontavam para a mudança desejada de sua sexualidade. Freud desconfiou que a jovem estivesse lhe contando mentiras e a adverte que não acreditava naqueles sonhos, os quais eram hipócritas e falsos e que ela pretendia enganá-lo, tal como ao pai.

Por que Freud concluiu que a análise da jovem seria mais produtiva com a figura de uma mulher? Em que medida Freud, ao sentir-se incomodado com a identificação paterna, deixou de manejar a transferência lidando inclusive com afetos ambivalentes que se fazem presentes na situação analítica? A leitura do caso se daria, portanto, por uma leitura do Édipo invertida? A jovem teria feito o percurso do Édipo masculino ao se afastar da feminilidade "normal" que a encaminharia ao amor de um homem e a um filho? Sua escolha objetal definiria sua posição masculina? Qual a leitura lacaniana do caso e em que medida podemos ir além do Édipo?

Parece-nos que o sofrimento da jovem homossexual está diretamente relacionado àquilo que Freud não soube bem escutar: os efeitos do gozo feminino. Sigamos a leitura lacaniana do caso e a sua articulação com a hipótese.

O largar de mão de Freud

Embora tenha construído sua pesquisa sobre o feminino em torno de contradições e tensões irresolutas, é inegável a contribuição de Freud no que concerne à sexualidade e à feminilidade. O entrave sobre o feminino repercute em toda a história da psicanálise, sendo alvo de duras críticas especialmente de algumas psicanalistas mulheres contemporâneas³ à Freud. Concordamos com Márcia Rosa (2019) sobre como Freud se deixou absorver pelo pai e pelo simbólico, sem conseguir vislumbrar aquilo que de real se apresentava nestas mulheres com bocas luminosas.

Nos parece interessante pensar junto com Lacan sobre a questão do feminino. Afinal, este ponto ganha um novo estatuto em sua teoria, o de algo como uma invenção que "mais do que uma retomada, é uma verdadeira solução para o impasse freudiano que assim se esboça" (André, 1998, p. 27). De que maneira, portanto, podemos pensar sobre este ponto no caso da jovem homossexual? Bem, utilizaremos algumas leituras dos seminários em que Lacan se deteve sobre o caso, a saber, o seminário 4 e o 10, e também sobre algumas construções realizadas por ele sobre a feminilidade e sobre o além do Édipo utilizando os seminários 5, 17 e 20. Ademais, é claro, usaremos alguns comentadores.

A psicanalista Graciela Bessa (2012) aponta que a disjunção entre Lacan e Freud sobre a questão do feminino encontra-se nas tentativas feitas por Freud de articular o desenvolvimento de uma mulher em referência ao falo, mais especificamente, à ausência deste. As saídas propostas por Freud perpassam sempre pela solução fálica (histeria, identificação masculina e maternidade). Entretanto, ao longo de seu trabalho clínico com suas pacientes, percebeu a existência de algo que escapa à saída fálica, de modo que estas saídas não respondem claramente ao enigma do feminino.

O impasse se revelou quando Freud percebeu que apenas o processo de desenvolvimento e resolução do complexo de Édipo masculino estavam claros, enquanto que, para ele, o desenvolvimento nas meninas era "por alguma razão incompreensível, [...] muito mais obscuro e cheio de lacunas" (Freud, 1924, p. 199). É neste ponto do irrepresentável que ele afirma que "a vida sexual das mulheres adultas é um 'continente negro' para a psicologia" (Freud, 1926, p. 209). Já

Lacan irá salientar no *seminário 20* que a saída feminina referida ao falo é, em suma, uma escolha e que as mulheres “estão livres de se colocarem ali se isto lhes agrada” (Lacan, 1972-73/2008, p. 78).

Freud frisa que o complexo de castração masculino coloca o Édipo a termo, mas no caso da menina, se inicia ali, onde ela se depara com a castração. Portanto, o Édipo produz o homem, mas não a mulher, isso leva Freud a concluir que “as meninas permanecem no complexo de Édipo por um tempo indeterminado; destroem-no tardiamente e, ainda assim, de modo incompleto” (1933, p. 137).

Lacan faz uma releitura do caso da jovem em seu *seminário 4* (1956-1957), onde situa e analisa o caso através da passagem da menina pelo complexo de Édipo e pela castração. Além disso, nos fornece algumas chaves de leitura a respeito da condução de Freud no tratamento. Como já citado anteriormente, ele interrompe o tratamento e indica à paciente que continue sua análise com uma médica mulher. Lacan sustenta que Freud cristaliza a posição entre si e a paciente de uma maneira não satisfatória e que o próprio Freud afirma ser este o momento em que a ruptura da relação analítica acontece. No que se refere a este impasse ocorrido, Lacan comenta que estamos longes de ser levados a responsabilizar a paciente por isto. Pelo contrário, a reponsabilidade e também a resistência se encontram ao lado do analista que, com sua intervenção, concepção e preconceitos, teve algo a ver com o rompimento. Lacan nos diz que:

Ele [Freud] nos diz que as resistências da doente foram insuperáveis. Essas resistências, como ele as materializa? Que exemplos nos dá delas? Que sentido lhes atribui? Ele as vê particularmente expressas num sonho que, paradoxalmente, teria podido alimentar muitas esperanças, a saber, de que a situação se normalizasse. Com efeito, é um sonho onde só se trata de reunião, conjugio, casamento fecundo. A paciente é nele submetida a um cônjuge ideal e tem filhos com este. Em suma, o sonho manifesta um desejo que vai no sentido daquilo que, senão Freud, pelo menos a sociedade, aqui representada pela família, pode desejar de melhor como resultado do tratamento. (Lacan, 1956-1957, p. 136)

Não iremos nos deter longamente sobre os comentários de Lacan neste seminário, pois observamos que suas elaborações indicam, em alguns pontos, um direcionamento freudiano do Édipo realizado também por Lacan no caso em questão. Em que pese isso, os comentários realizados no *seminário 4*, demonstram sua importância na medida em que, já aqui, existem algumas indicações de Lacan no que diz respeito à escuta de Freud que, de alguma forma, substituiu o saber da jovem homossexual por este mito, o Édipo, passando ao ato na transferência.

Já no *seminário 10*, Lacan traz formulações muito interessantes sobre o ponto das mentiras contadas pela jovem durante o atendimento com Freud. Segundo ele, Freud parece não se dar conta de que a verdade tem uma estrutura de ficção. A mentira, para Lacan, é perfeitamente aceitável, uma vez que o que mente é o desejo. Lacan realiza, portanto, uma leitura da paixão e fidelidade de Freud pelo inconsciente, claro, sustentado pelo Édipo. Ao fazer isso, ele não se interessa pelo dejetivo, pelo restinho, “aquilo que detém tudo e que é, no entanto, o que está em questão aí” (1962-1963, p.

144). Lacan diz que, sem conseguir visualizar isto que o atrapalha, Freud se emociona diante desta ameaça à fidelidade inconsciente... O que é que Freud queria, afinal? Que a mulher lhe dissesse tudo, mais, ainda e que, além disso, se mantivesse fiel ao pai.

Ainda no *seminário 10*, de acordo Lacan, o que faltou a Freud e fez com que ele se atrapalhasse no caso da jovem foi algo que também faltava em seu discurso, a saber, "aquilo que, para ele, sempre se manteve em estado de pergunta: o que quer a mulher?". A limpeza da chaminé foi bem-feita, diz Lacan com certa ironia, e nos coloca uma questão importante sobre analista e analisante numa transferência: "o importante era estarem juntos na mesma chaminé. Só que [...] quando duas pessoas saem juntas de uma chaminé, qual delas se livra da sujeira?" (p. 145).

O que se deixa de lado aqui, como já nos indica Lacan (1957-58/1999) em seu *Seminário 5*, é que "[...] Nas verdadeiras mulheres há sempre algo meio extraviado" (p. 202); e também, conforme Haddad (2014), "mesmo que a função do Édipo lhes ofereça um caminho específico para o escoamento da sexualidade feminina, algo nas mulheres se desvia, permanecendo sem simbolização" (p. 139).

Lacan (1972-73) subverte a questão freudiana sobre a sexualidade feminina ao desviar seu olhar daquilo que a mulher não tem, para um questionamento sobre aquilo que a mulher tem a mais. Afinal, haveria um gozo especificamente feminino? Lacan separa o gozo fálico e o gozo não-todo fálico para tentar explicar as posições masculina e feminina através da tábua da sexuação. Não iremos nos detalhar sobre este ponto da sexuação aqui. Entretanto, cabe marcar um comentário importante realizado por Lacan no *seminário 17*, ao afirmar que Freud tropeça nos arredores do gozo: "Evidentemente Freud quanto a isso às vezes se esquiva, nos abandona. Ele abandona a pergunta sobre o gozo feminino" (1969-70, p. 67).

Na biografia da jovem temos notícias de mais duas passagens ao ato ao longo de sua vida: ingere vários medicamentos quando a dama se muda para a Alemanha para ficar com outras mulheres e, em outro momento, defere um tiro contra o próprio peito quando se encontrava enamorada por um rapaz que lhe desprezava e, ao mesmo tempo, ainda pensava constantemente na bela dama, percebendo-se impossibilitada de estar com qualquer um dos dois amados.

Seu mundo caiu inúmeras vezes. Amargura, descrença, melancolia e dor foram os seus principais companheiros, somado a dois animais que estimou como a ninguém: Petzi, um cachorro, e Chico, um macaco. Dos seus amores fracassados, ela permanecera como um resíduo desprezado. (Fuentes, 2009, p. 162)

A jovem apresentava este corpo que se abandona e faz cair como puro dejetos. Dejetos para a mãe, dejetos para o pai, dejetos para a dama, dejetos para o analista... "Essa foi a manobra da jovem, fazer-se abandonar pelo analista tal como ela o fez ao longo de suas várias desilusões amorosas" (Fuentes, 2009, p. 168).

A jovem permaneceu durante toda sua vida distante, de certa maneira, do Outro sexo. Manteve a posição de adoração e cavalheirismo frente às mulheres sem de fato ter um exercício da sexualidade que não passasse pelo nojo e pelo asco. Perdeu a virgindade aos trinta anos num casamento com um homem por quem sentia repulsa. E, em sua biografia, temos o relato de apenas um encontro sexual com a dama, ambas já com bastante idade. O médico que cuidou da jovem após sua terceira tentativa de suicídio disse a ela: "a senhora é uma clássica assexual".

Como um simples toque de mão, um movimento do corpo, um olhar a tinham podido excitar muito mais que as regiões do corpo em que costumam concentrar seu desejo! Como havia achado horrível o lugar escuro e a coisa ameaçadora entre as pernas dos homens; como considerara angustiante, mesmo se um pouco melhor, esse local úmido das mulheres; quanta repugnância lhe provocava uma língua dentro da sua boca!. (Rieder & Voight, 2008, p. 389)

A psicanalista Maria Josefina Fuentes (2009), comenta que amando uma Outra mulher no estilo do amor cortes, a jovem pôde dar consistência ao Outro, fazendo A mulher existir. Contudo, do campo do amor não pôde extrair sua consistência fálica, deparando-se com a irrupção do gozo feminino na vertente da devastação diante de inúmeras recusas diante das suas demandas amorosas e de seu próprio recuo quando finalmente alguém a correspondia: "Decepcionada, ela rejeita os representantes da castração e persegue fervorosamente o que excede os limites do gozo fálico, mantendo um fascínio por um Outro gozo" (p. 179).

Este gozo, por ser não-todo fálico, fica fora do universal nos apontando justamente para este extravio que instaura um mais além do falo, do Édipo, do pai. "Mais além" pois há uma porção que, sim, concerne à castração, mas não toda. Daí a impossibilidade de tentar apreender este gozo que não se equaciona pela via de uma "histoerização"⁴ do inconsciente.

O que a jovem homossexual deu de bandeja à Freud foi o avesso do Édipo e a dimensão do gozo feminino que produz um resto que não é possível de ser recoberto pelas palavras. Há aí um "esbarrão do pensamento de Freud", no qual podemos, segundo Lacan (1962-63), nomear provisoriamente de feminilidade. Ainda neste mesmo ponto, Lacan diz que a feminilidade se furta e, se podemos concluir algo sobre a escuta freudiana neste caso, é que Freud tentou se furtar àquilo que do feminino se furta. E o que é que se faz com isto que se furta? Tal questão só pode ser respondida uma a uma, cada qual com suas saídas e arranjos particulares para lidar com isso que não cessa de não se escrever.

O que nos deparamos no caso da jovem, é que ela não pôde inventar um lugar para sua existência. Identificada ao objeto que cai e produz um resto indizível, a jovem ficou impossibilitada de tecer sua feminilidade pela via dos semblantes, sobrando para ela, o puro horror. Como pensar, a partir disto, na condução de uma análise que tenha em vista o gozo em sua vertente de não-todo?

Para Miller (2011):

Nossa prática se prolonga mais além do ponto em que Freud considerava que há finais de análise, mesmo se houver que retomar a análise, nossa prática vai mais além do ponto que Freud considerava como fim de análise. Em nossa prática, assistimos, então, à confrontação do sujeito com os restos sintomáticos. Passamos, certamente, pelo momento de decifração da verdade do sintoma, mas chegamos aos restos sintomáticos e ali, não dizemos stop. O analista não diz stop e o analisante não diz stop. A análise nesse período se dá pela confrontação direta do sujeito com o que Freud chamava de restos sintomáticos e aos quais damos outro estatuto muito diferente. Sob o nome de restos sintomáticos, Freud chocou-se com o real do sintoma, com o que, no sintoma, é fora de sentido.

Ora, se para Freud o impasse feminino se encerrava no *penisneid*, para Lacan uma operação analítica poderia, segundo Márcia Rosa (2019), se orientar pelo real numa prática que não seja unicamente nominalista, encadeando significantes ao infinito. Há um resto que insiste em não se escrever pela interpretação na qual se sustentava a primeira clínica lacaniana. Se a concepção de um inconsciente articulado à história e à histeria enquanto direção de tratamento ao sujeito em análise, é baseada no amor à verdade, o último ensino de Lacan, fortemente influenciado por James Joyce e a psicose, nos ensina que há uma desconstrução da leitura edipiana do sujeito em questão. A leitura que Lacan promove nos anos 70, é a de pensar o inconsciente articulado ao gozo, nisto que insiste, tal como a jovem homossexual fez perdurar, até o final de sua vida, sua posição de objeto dejetado.

Lacan aborda, de certa forma, o limite da clínica freudiana sobre o inconsciente, e nos aponta a direção do tratamento articulada ao real e ao gozo, colocando na conta o resto que não se escreve e escapa ao sentido. Não é preciso, em última instância, cair na "maluquice psicanalítica"⁵.

Notas

1. Este artigo é um recorte de uma dissertação de mestrado em andamento. Erika Vidal de Faria é orientanda de Márcia Maria Rosa Vieira Luchina no programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais. Apoio e financiamento: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).
2. Salienta-se que Sidonie Csllag não é verdadeiro nome da jovem, seu nome e de seus familiares foram modificados na biografia.
3. A centralidade do falo presente na obra de Freud, foi alvo de um intenso debate promovido por diversas mulheres psicanalistas como Melaine Klein, Helene Deutsch, Karen Horney e Marie Bonaparte. A discussão se pautou principalmente no questionamento do destino necessariamente maternal para uma mulher ser saudável, além da obscura e inquietante teorização da sexualidade feminina.

4. Lacan (1977/2003) faz a junção das palavras 'histeria' e 'história' para falar do inconsciente enquanto histórico e pensado a partir da estrutura da histeria, e da análise enquanto uma reconstrução dessa história. Aqui se encontra o primeiro tempo de Freud e Lacan. A clínica dos significantes parece não abarcar a dimensão do gozo.
5. Lacan (1977/2007) se pergunta se a maluquice psicanalítica não teria substituído os sintomas clássicos da histeria. A propósito deste comentário, Márcia Rosa (2019) realiza uma leitura na qual afirma que talvez essa maluquice estaria associada ao analista que opera apenas pela via da fervilhação de significantes e de injeções de sentido.

Referências Bibliográficas

- André, S. (1998). *O que quer uma mulher?* Rio de Janeiro: Zahar.
- Bessa, G. (2012). *Feminino: um conjunto aberto ao infinito*. Belo Horizonte: Scriptum.
- Freud, S. (1996). A dissolução do complexo de Édipo. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira* (pp. 189-199). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1924).
- Freud, S. (1996). A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira* (pp. 183-212). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1920).
- Freud, S. (1996). A questão da análise leiga. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira* (pp. 173-241). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1926).
- Fuentes, M. J. S. (2012). *As mulheres e seus nomes: Lacan e o feminino*. Belo Horizonte: Scriptum.
- Haddad, I. (2017). *Uma mulher e seus extravios*. Belo Horizonte: Cas'a'escrever.
- Lacan, J. (1992). *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar (Seminário proferido em 1969-1970).
- Lacan, J. (1995). *O seminário, livro 4: as relações de objeto*. Rio de Janeiro: Zahar (Seminário proferido em 1956-1957).
- Lacan, J. (1999). *O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Zahar (Seminário proferido em 1957-58).
- Lacan, J. (2003) Prefácio à edição inglesa do Seminário 11. *Outros escritos* (pp. 571-573). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original de 1977).
- Lacan, J. (2005) *O seminário, livro 10: a angustia*. Rio de Janeiro: Zahar (Seminário proferido em 1962-1963).
- Lacan, J. (2007, dez) Considerações sobre a histeria. *Opção Lacaniana. Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*. São Paulo, n. 50, 17-22. (Trabalho original de 1977).
- Lacan, J. (2008). *O Seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Zahar (Seminário proferido em 1972-1973).

- Miller, J.-A. (2011, abril). *Ler um sintoma*. Apresentado em Congresso da NLS, Londres, Inglaterra.
Recuperado de: <https://ebp.org.br/sp/ler-um-sintoma/>
- Rieder, I. & Voight, D. (2008) *Desejos secretos: a história de Sidonie C., a paciente homossexual de Freud*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Rosa, M. (2019). *Por onde andarão as histéricas de outrora?: um estudo lacaniano sobre as histerias*. Belo Horizonte: edição da autora.

Citação/Citation: de Faria, E.V.; Vieira Luchina, M.M. (nov. 2018 a abr. 2019). Mais além do Édipo: a jovem homossexual, o gozo feminino e o “engano de Freud”. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, 14(27), 26-38. Disponível em www.isepol.com/asephallus. Doi: 10.17852/1809-709x.2019v14n27p26-38

Editor do artigo: Tania Coelho dos Santos.

Recebido/Received: 03/08/2018 / 08/03/2018.

Aceito/Accepted: 12/10/2018 / 10/12/2018.

Copyright: © 2019 Associação Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the author and source are credited.